

Susan Sontag e o 11 de Setembro: entre posicionamentos e impressões de tempo nos Estados Unidos

Igor Lemos Moreira^I

Resumo: O objetivo deste trabalho, de perfil ensaístico, é analisar as significações imediatas do 11 de setembro de 2001, em especial o Atentado às Torres Gêmeas, através dos debates empreendidos publicamente por Susan Sontag em seus escritos. Através de um conjunto de dois ensaios e uma entrevista, presentes na obra *At The Same Time* (publicada no Brasil com o título “Ao mesmo tempo”) de 2007, na qual a autora tematizou os ataques, refletimos sobre as discussões da queda do *World Trade Center* como símbolo da crise de uma narrativa nacional dos Estados Unidos. A partir da História do Tempo Presente e da narrativa ensaística de Susan Sontag, elaborada em contextos latentes por significação, este trabalho analisa a formulação de posicionamentos da autora logo após o 11 de setembro, nos quais procurou pensar criticamente o significado daqueles atos terroristas, contrariando um discurso que mídia e governo tentavam criar de sensibilização global frente às mortes.

Palavras-Chave: 11 de setembro; Susan Sontag; Estados Unidos; História do Tempo Presente.

Susan Sontag and 9/11: Between Positions and Impressions of Time in the United States

Abstract: The objective of this paper is to analyze the immediate meanings of September 11, 2001, especially the attack on the Twin Towers, through the debates publicly undertaken by Susan Sontag in her writings. Through a set of two essays and an interview, present in the work *At the Same Time* (published in Brazil with the title “At the same time”) of 2007, in which the author thematized the attacks, we reflect on the discussions of the fall of the World Trade Center as a symbol of the crisis of a national narrative of the United States. Based on the History of the Present Time and Susan Sontag's essay narrative, elaborated in latent contexts by meaning, this work analyzes the formulation of the author's positions right after September 11, in which she sought to critically think about the meaning of those terrorist acts, contradicting a discourse that the media and government were trying to create for global awareness of the deaths

Keywords: September 11th; Susan Sontag; U.S; History of the Present Time.

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

Introdução

Os atentados de 11 de setembro de 2001, entre seus diversos desdobramentos e impactos, geraram a emergência de novas relações temporais nos Estados Unidos e globalmente. Fosse como uma das principais catástrofes a serem historicizadas em paralelo ao sua ocorrência ou, em outras palavras, a elaboração de significados do acontecimento concomitante ao próprio evento, ou pelos impactos políticos e na construção discursiva da defesa de uma Guerra ao Terror^{II}, os ataques que ocorreram a Nova York, Pensilvânia e Washington demarcaram uma nova fase da história contemporânea. Globalmente, os eventos ocorridos naquela terça-feira, levantaram uma série de debates, discussões e disputas de narrativas pautadas na busca pelos “culpados” por atacar a democracia estadunidense, na espetacularização da morte e no estabelecimento de um pânico geral de novos ataques.

Apesar das considerações de Henry Rousso^{III} acerca das dificuldades de definir o 11 de setembro como um evento fundador de novas experiências temporais que alteraram o entendimento sobre o presente e suas relações com passados e futuros imaginados, é possível considerar que os ataques levaram à criação de novas formas públicas de memória e de instrumentalização política do passado. Andreas Huyssen defende que, mesmo que “os eventos do 11 de setembro de 2001 ainda estejam perto demais e muito vivos na memória para permitir uma reflexão histórica mais ampla”^{IV}, uma das principais dimensões acerca a queda do *World Trade Center*, para realizar um recorte apenas geográfico entre os ataques, foi o debate que imediatamente se sucedeu a respeito de como seria elaborada uma memória pública, possivelmente na forma de um memorial, sobre as vítimas e seus falecimentos. Iniciados no dia 12 de setembro, os debates sobre a construção, no lugar das Torres Gêmeas, de um memorial foram catalisados pela emergência de uma demanda pública de lidar com a memória traumática, mas também tentativa de superar aqueles eventos. Todavia, em especial, esse processo seguiu a mesma linha reflexiva que emergiu concomitante aos ataques, uma ideia defendia a “vitimização nacional e com perdas pessoais muito reais”^V.

Conforme destaca Huyssen^{VI}, os debates acerca do 11 de setembro colocaram no centro das análises a dimensão da identidade americana, disputada por grupos críticos e movimentos de direita/conservadores no país, assim como pela esquerda estadunidense. Em outras palavras, os ataques estiveram no centro dos debates intelectuais, políticos e sociais do país, com foco não apenas na dimensão midiática, mas também nos usos políticos do passado e em diferentes posicionamentos sobre o rumo da população a partir de então. No campo intelectual estadunidense, esse debate aconteceu intensificando-se nos dias seguintes^{VII}. Entre os sujeitos públicos que se engajaram na formulação de interpretações acerca dos ataques, estava a filósofa Susan Sontag que, ao longo de sua carreira enquanto figura pública, posicionou-se recorrentemente como uma crítica da sociedade estadunidense, o que não significava necessariamente um antiamericanismo.

Segundo Priscila Dorella^{VIII}, o perfil crítico da autora, por vezes, foi considerado como um discurso de alguém contrária ao país, mesmo que recorrentemente estivesse muito mais voltado ao governo e aos projetos estadunidenses, do que à oposição a um sentimento de nacionalismo. Sontag, nesse sentido, defende a existência de uma amnésia coletiva estadunidense, manifestada pela dificuldade do país de lidar com sua própria história e com a ausência do que poderia ser entendida como consciência histórica.

A amnésia em relação ao passado, entendida também por outros autores como “caracteristicamente americana”, somado ao desenvolvimento de um individualismo distorcido e consumista, muito evidente a partir do início dos anos de 1970 com a

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

implementação de políticas econômicas claramente liberais e conservadoras, criou um problema moral capaz de fazer uma nação esquecer suas responsabilidades diante da guerra e dos problemas sociais.^{IX}

É importante destacar que a “amnésia” observada por Sontag e outros intelectuais no contexto, referia-se a ausência de um reflexo coletivo e de um perfil crítico sobre o passado, e não necessariamente da falta de formas públicas de consumo e observação, revelando uma das grandes contradições da sociedade estadunidense, a qual, segundo Huyssen, produz um dos maiores mercados de memória como bem de consumo (livros, filmes, séries, jogos, museus, objetos decorativos), mas, ao mesmo tempo, não elabora visões críticas acerca da narrativa nacional. Dessa forma, falar em “amnésia” não era necessariamente falar na ausência da memória, ou em falta de referências sobre o passado, mas na instrumentalização intencional de certas narrativas pré-estabelecidas que, a partir de seus usos políticos, conduziam a visões reducionistas e/ou específicas para reforçar o posicionamento político estadunidense, como veremos ao longo deste trabalho.

Entre alguns dos artigos mais polêmicos publicados ao longo da trajetória intelectual de Susan Sontag, estão seus trabalhos interpretativos sobre o 11 de setembro, textos/entrevistas elaborados/as no “calor da hora” com intenções muito mais ensaísticas e reflexivas do que necessariamente acadêmicas. Nesse conjunto, que reúne, entre outros textos, um ensaio publicado na semana seguinte aos ataques na *The New Yorker*, uma entrevista para a mídia italiana concedida poucas semanas depois e uma publicação no *The New York Times* no dia anterior ao um ano dos atentados, Sontag elaborou reflexões que, entre algumas divergências e reforços de hipóteses defendidas, possui como fio condutor a crítica à ausência de uma reflexão temporal acerca do 11 de setembro. Seus dois textos e a entrevista, apesar de apresentarem traços de contradição dado o amadurecimento de sua reflexão sobre o acontecimento, conforme os meses se passavam, demonstram uma dupla preocupação pela qual foi, por vezes, criticada: os perigos dos “maus-usos” do passado estadunidense para George W. Bush legitimar sua proposta de Guerra ao Terror; a falta de uma percepção global da sociedade estadunidense acerca da inserção dos atentados em um panorama mundial.

O conjunto de reflexões da autora sobre o 11 de setembro foi, posteriormente, publicado nos Estados Unidos e no Brasil como parte da coletânea póstuma de escritos de Susan Sontag organizada por Paolo Dileonardo e Anne Jump. Essa obra, intitulada *at the same time* (traduzida ao português como *ao mesmo tempo*), reúne uma série de escritos, entrevistas e discursos de Susan Sontag (entre inéditos e publicados) formando um grande panorama de seu pensamento intelectual. Tendo em vista a dispersão das fontes, e a tentativa de trabalharmos de forma conectada os três textos citados anteriormente, optamos por analisar os escritos de Susan Sontag sobre o 11 de setembro de 2001 que integram tal coletânea. Visando estimular a difusão da obra da autora no país, procuramos citar a obra em sua versão traduzida publicada no Brasil; todavia, ao longo de nosso ensaio, as versões originais da publicação de 2007 foram consultadas e analisadas.

Tal escolha justifica-se por, apesar de reconhecer a importância do suporte material em seus elementos visuais, tipográficos e editoriais (inclusive de perfil ideológico), visamos nos dedicar às narrativas e à elaboração do pensamento de Susan Sontag através de sua escrita e expressão^X. Dessa forma, sempre que possível, iremos atentar para o perfil e o lugar de publicação original dos textos analisados, assim como seus títulos originais, mas o foco principal deste artigo irá recair sobre o “conteúdo” de seus escritos. Tal abordagem visa observar não somente a construção de um pensamento de um sujeito inserido no espaço e tempo, mas sua atuação e posicionamento público compreendendo que o/a intelectual desempenha uma função pública de desestabilizar a sociedade, muito mais do que apresentar fórmulas prontas^{XI}.

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

Como destaca Adriane Vidal Costa, os trabalhos que investem nos estudos de intelectuais (também definidos como História Intelectual) têm se tornado uma possibilidade de articulação entre dimensões sociais, políticas e econômicas ao articular a relação entre ideias e seu contexto de produção e circulação. Dessa forma, tal perspectiva expande a ideia de uma História das Ideias defendida no século XX, pois possibilita entender o processo de circulação, formação e debate do pensamento intelectual na sociedade do ponto de vista relacional. Todavia, é importante destacar que este trabalho se situa em um campo específico de abordagem, pois interessa-nos propriamente a formação do pensamento de Susan Sontag, entendendo que seus escritos atuaram na organização e formação de uma “(...) sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, porém igualmente determinantes que fundam”^{XII}.

Em outras palavras, procuramos compreender as principais ideias, versões e reflexões de Susan Sontag a respeito do 11 de setembro de 2001, percebendo, através da textualidade, aspectos da discussão sobre a queda do *World Trade Center* como símbolo da crise de uma narrativa nacional e imperialista dos Estados Unidos e de alerta acerca de um futuro possível. Dessa forma, mais que uma mediação, como se tem procurado perceber na atuação social de intelectuais^{XIII}, compreendemos que os escritos de Susan Sontag foram fundamentais para o estímulo de uma reflexão crítica acerca dos ataques que ocorreram naquele dia. Ao trabalharmos com os três textos em conjunto, esse processo é perceptível, mas também é acompanhado por uma outra dimensão (possível através da leitura a contrapelo): a resistência da sociedade estadunidense em apoiar essa corrente intelectual (partilhada por Sontag e outros pensadores conforme veremos adiante), o que levou à definição dessa linha de pensamento como antiamericana. Dessa forma, analisar os três artigos de Susan Sontag a respeito do 11 de setembro de 2001 reunidos na coletânea *At the same time* possibilita pensar não somente sua reflexão e significação desse evento, mas também os desafios enfrentados por tais ideias no mesmo contexto, o que demonstra os desafios em lidar com as novas relações estabelecidas.

Susan Sontag e o 11 de setembro

Em obra recente, o historiador inglês especialista em História do Conhecimento, Peter Burke^{XIV}, considerou Susan Sontag como uma das últimas polímatas do século XX. Para Burke, polímatas marcariam a história do mundo moderno e contemporâneo como indivíduos/intelectuais que não poderiam ser limitados a apenas uma área de reflexão e/ou conhecimento. Suas reflexões, contribuições e atuações sociais no mundo em que viveram seriam fruto de um perfil engajado em diferentes campos científicos e/ou artísticos, retomando os princípios renascentistas do racionalismo e do antropocentrismo. Considerar Susan Sontag como uma das últimas mulheres polímatas do século passado, nesse sentido, é uma forma de dimensionar sua vasta e múltipla produção que transita entre campos como filosofia, literatura, artes, fotografia, cinema, jornalismo e crítica social. Com ampla produção, que varia em temas, formatos e especialidades, Susan Sontag figura até a contemporaneidade entre uma das autoras e intelectuais mais discutidas na academia que desempenhou um perfil público fundamental na política estadunidense e global.

Sontag nasceu em 1933 na cidade de Nova York, tendo estudado em instituições como *University of California*, *University of Chicago* e *Harvard University*. Ao longo de sua trajetória, dedicou-se aos estudos das linguagens e expressões artísticas em perspectiva psicológica e social, dialogando com autores como Freud e intelectuais ligados à escola de *Frankfurt* como Benjamin e Adorno, com especial atenção às práticas de reprodutibilidade técnica, a exemplo da fotografia. Transitando entre temas como literatura, fotografia e cinema, Sontag produziu uma

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

vasta produção de não ficção incluindo ensaios e obras completas, enquanto, em paralelo, seguia desenvolvendo projetos literários que, de certa forma, reverberam seu perfil filosófico e crítico^{XV}. Entre suas principais obras seminais que demonstram a síntese de seu pensamento, está o ensaio *Notes on Camp*, de 1964 e as coletâneas *Against Interpretation* (1966) e *On Photography* (1977).

Desde seus primeiros escritos, ainda na década de 1960, Sontag destacava-se como uma intelectual crítica da sociedade estadunidense. Em 1966, por exemplo, publicou, junto a outros autores, o ensaio *What's Happening in America?* na *Partisan Review*, no qual destacava o papel dos intelectuais na oposição à Guerra do Vietnã, afirmando que existia um pensamento coletivo no imaginário estadunidense que ainda alimentava o mito do Destino Manifesto no país. Como destaca Dorella^{XVI}, tais críticas foram elaboradas no contexto em que os Estados Unidos viviam o auge dos movimentos de luta pelos direitos civis, colocando em xeque a narrativa fundante do país como uma terra de igualdade, liberdade e possibilidades para todos/as. O escrito da *Partisan Review* demonstrava um perfil pelo qual a intelectual se tornaria globalmente conhecida: uma pensadora supostamente “antiamericana”. Tal representação acerca dos escritos de Susan Sontag esteve ligado, principalmente, ao seu perfil crítico e reflexivo acerca de qualquer elemento da vida estadunidense e global que, por vezes, foi confundido com um sentimento antinacionalista.

Um dos escritos que resume o pensamento crítico sobre a realidade estadunidense de Sontag é sua novela *In America*^{XVII}, na qual narra a história de uma família polonesa em seu processo de migração e estabelecimento nos Estados Unidos. A narrativa, baseada na história da atriz polonesa Helena Modjeska, trata do cotidiano das populações migrantes no país durante o século XIX envolvendo a dimensão artística, tema que perpassa toda a reflexão de Susan Sontag ao longo da carreira, juntamente à reflexão sobre os processos de inserção de estrangeiros, demonstrando os conflitos entre idealismo e realidade. Em *In America*, Susan Sontag aborda a construção de representações dos Estados Unidos como uma “terra prometida” e um “sonho americano” através do cotidiano, concentrando-se especialmente na relação entre cultura e sociedade, assim como retomando uma série de elementos que viriam a canonizar a figura das “divas” estadunidenses.

Podemos considerar que a visão sobre a realidade estadunidense de Sontag parte, especialmente, de uma abordagem ligada ao seu entendimento sobre a função social do intelectual. Parte de seus ensaios reunidos na obra *Against Interpretation*^{XVIII}, por exemplo, destaca justamente a defesa do papel do intelectual como um sujeito público, responsável não por estabelecer visões acabadas ou por defender o estado, mas por fomentar a reflexão social, política e cultural acerca da realidade. Um exemplo desse posicionamento, que demonstra que a autora seguia tal compromisso como parte da vida política, foi sua participação em defesa de Herbert Padilla no final dos anos 1960, após sua censura e perseguição por parte do governo cubano. Como destaca Dorella^{XIX}, o pensamento de Sontag voltava-se, especialmente, à reflexão da “civilização ocidental como um problema moral”, sendo esse um dos fatores que levantaram questionamentos de um suposto “antiamericanismo” em sua produção, assim como a alternância entre um perfil mais libertário e mais conservador. A reflexão sobre a moral atravessa sua obra, expressa desde suas análises fotográficas e artísticas até os posicionamentos políticos. Vale ressaltar que o interesse pela construção da moralidade e dos supostos limites acerca do que era defendido como “norma” foi parte da inspiração que levou a autora a analisar pinturas e fotografias que registram a dor e a violência nos anos 1980, ensaios reunidos posteriormente na obra *Regarding the Pain of Others* (2003). Outro conjunto que demonstra seu interesse pela “moralidade” estão reunidos em torno das reflexões sobre a sexualidade e a doença,

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

especialmente o vírus *HIV*, produção dividida em dois estudos monográficos intitulados *Illness as Metaphor* (1978) e *AIDS and Its Metaphors* (1988).

A discussão a respeito da noção de “moral”, em especial os modos como a sociedade estadunidense constrói e reforçam esses preceitos, fizeram-se presentes novamente em seus escritos sobre dos atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001. Desde sua publicação na seção *Talk of The Town* da revista *New Yorker* em 16 de setembro de 2001, até os textos e entrevistas posteriores, em que precisou elaborar retratações e defesas de seus pensamentos, Susan Sontag foi uma das principais vozes a apontar para a necessidade de pensar os ataques daquele ano como parte da longa tradição intervencionista estadunidense, mediada pelo sentimento de um Destino Manifesto. Ao defender que existiria um grau de consequência da construção de um *ethos* discursivo estadunidense, pautado no imperialismo e intervencionismo, nos atentados que ocorreram em setembro, Sontag demonstrava parte de seu pensamento ao chamar “a atenção dos americanos para desenvolverem com seriedade a autocrítica necessária a compreensão do mundo contemporâneo”^{XX}.

Publicado poucos dias após o Ataque às Torres Gêmeas, o ensaio de Susan Sotang integrou um conjunto de comentários elaborados por escritores da *The New Yorker* sob o título *Tuesday, and After*. Entre os autores, estavam John Updike, Denis Johnson, Rebecca Mead, Amitav Ghosh e a própria autora citada. O escrito de Sontag foi o sétimo entre todos, indicando que suas ideias reverberavam não somente partes das opiniões dos demais colaboradores do periódico, como também assumia um perfil relativamente individualizado. Em linhas gerais, sua reflexão voltava-se a dois aspectos principais: a forma como os Estados Unidos havia, nos últimos dias, controlado a narrativa de ataques terroristas a fim de estimular a população a se colocarem a favor da “Guerra ao Terror”; a tentativa geral de governantes e da população de evitar enfrentar as imagens e refletir sobre as causas e consequências de tais eventos para além de um evento dentro de um plano maior das guerras, o que a autora chamou de uma “(...) unanimidade da retórica hipócrita, destinada a encobrir a realidade, cuspidas por quase todos os políticos americanos e comentaristas da mídia nesses últimos dias”^{XXI}.

A noção de “guerra”, primeiro aspecto elencado, encontra-se presente desde as primeiras linhas do texto, o qual inicia destacando seu estarem com os últimos eventos do país e, principalmente, com a tentativa de figuras públicas e governantes de infantilizar os estadunidenses ao evitar falar sobre como os atentados de 11 de setembro tinham vínculos com a guerra em andamento no oriente médio, especialmente no Iraque. Argumentando que este seria um movimento “covarde”, a autora destaca a tentativa de construir um discurso no qual os Estados Unidos seriam uma nação que superaria os medos de outros eventos semelhantes no futuro, que estaria “segura” apesar da recente catástrofe e, principalmente, que o país estaria unido naquele momento com sistemas de apoio. A crítica ao comportamento estadunidense de Sontag dirigia-se ao posicionamento dos governos em todas as suas esferas, mas especialmente do presidente George W. Bush em tentar, logo após os atentados, trazer uma imagem de civilidade e de resiliência ao país^{XXII}. Esse processo, que envolveu os debates na mídia, mas também a imposição de moralidade acerca do que poderia ou não ser falado sobre o 11 de Setembro, se estendeu a diversos setores, desde as escolas, a vida cotidiana e a classe intelectual e artística. Em tais esferas, o discurso hegemônico retomava o nacionalismo e o patriotismo estadunidense, considerando os ataques uma afronta àquilo que seria civilizado^{XXIII}, sendo esse posicionamento considerado por Sontag como uma atitude de covardia.

O posicionamento da autora pode ser entendido como uma crítica ao imperialismo estadunidense e a propaganda nacionalista do país como uma superpotência, um desdobramento do mito do destino manifesto que atravessa a construção histórica dos Estados Unidos^{XXIV}. Todavia, dado o fato de que o texto foi publicado menos de uma semana após os ataques em

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

Nova Iorque e Arlington, é possível entender que a escrita de Susan Sontag foi influenciada pelo trauma e o choque causados pelos fatos recentes estadunidenses e de uma ânsia, característica de sua produção, por levantar provocações recentes acerca do tempo vivido. Seu breve ensaio não é conclusivo, nem mesmo defende uma interpretação única, como era advogado desde a escrita de *Against Interpretation*, pois esta inviabilizaria o próprio entendimento do trauma nacional recente. O escrito é, especialmente, uma reflexão sobre do posicionamento imediato assumido pelos Estados Unidos e como esse processo revelava as falhas da democracia estadunidense tanto em lidar com sua população, como em dimensionar o filtro que perpassa as fronteiras nacionais.

Dentro dessa leitura, é possível considerar que a crítica de Susan Sontag se dirige à incapacidade de lidar com a catástrofe mais recente ocorrida no país. Tal catástrofe, como a autora viria a destacar posteriormente, levou a uma crise coletiva de entendimento e significação pois gerou, em poucas horas, uma grande comoção nacional/global junto a sua espetacularização na mídia. Tal construção de um espetáculo levou, como defendem Dosse^{XXV} e Huyssen^{XXVI} a um esvaziamento da capacidade de analisar criticamente os eventos recentes, por um lado, e sua conversão em parte de uma memória imediata que, ao mesmo tempo que resumia tudo relacionado ao 11 de setembro ao presente, também começava um processo de afastamento temporal que resultou na ideia de um passado que progressivamente iria se distanciar. Obviamente, era impossível dimensionar as proporções dos ataques logo em seguida ao dia; porém, o esforço de Susan Sontag foi de atentar para o processo capitaneado pelo governo estadunidense de estruturar um discurso que focava em dois aspectos principais: reerguer a nação e combater o terrorismo que vinha do oriente.

Nesse sentido, a autora atentava para um problema que Henry Rousso^{XXVII} não considera em suas análises, ao afirmar que o 11 de setembro não poderia ser considerado como uma das principais catástrofes globais a inaugurar uma nova forma de lidar com o presente: o papel ocupado pela historicidade no panorama geral dos atentados e de que forma, imediatamente após os eventos, se procurou significá-los. Rousso não considera tal aspecto pois, em sua perspectiva, essa operação seria um movimento de História Imediata, uma tentativa de entender o passado-breve para demonstrar seus sentidos. Todavia, a operação de Sontag logo após o 11 de Setembro foi outra. Ela procurou retomar a história recente do país ao questionar, por exemplo, “(...) quantos cidadãos têm consciência do bombardeio em curso no Ataque?”^{XXVIII}, como forma de situar temporalmente os eventos e enquanto mecanismo de diferenciar presente e passado. Dessa forma, Sontag afirmava que o passado era fundamental para entender os atentados, mas que seria especialmente o passado recente e não aquele ligado a guerras como a II Guerra Mundial, pois “isso não foi Pearl Harbor. É preciso pensar muito, e talvez estejam fazendo isso em Washington e em outros lugares, a respeito do colossal fracasso do serviço secreto e da contra-espionagem americanos, sobre o futuro da política exterior americana, em especial no Oriente Médio”^{XXIX}. Certamente, sua leitura não é direcionada a conclusões e/ou modelos interpretativos. Ao retomar o passado no breve texto enviado a *The New Yorker*, Sontag criticou o discurso que em elaboração que retomava o passado mítico dos Estados Unidos atentando para a necessidade historicizar o presente pelas suas semelhanças e desdobramentos, mas não pelos usos políticos que se pretendia construir, prática que foi observada também pela historiadora Jill Lepore^{XXX} recentemente.

Como visto até o momento, a ideia de “Guerra” esteve diretamente interligada ao discurso estadunidense pós-11 de setembro analisado por Sontag. Segundo a leitura da autora, dessa forma, é possível perceber que se tentava criar um panorama de uma guerra-geral, da qual os Estados Unidos deveriam participar em resposta ao 11 de setembro. Sua crítica, nesse sentido, voltava-se a mostrar que esse processo estava em andamento e que cabia aos intelectuais e à população estadunidense entender o projeto norte-americano de, inclusive, utilizar os atentados

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

para estimular a guerra contra o Oriente Médio. Nesse sentido, como lembra Hobsbawm^{XXXI}, os ataques terroristas, além de não impactarem negativamente a posição do país na geopolítica global, foram convertidos em instrumentos panfletários para estimular a Guerra ao Terror. A atuação de Sontag nesse debate foi a de uma intelectual pública, ou seja, uma figura representativa que fomentava o debate e representava uma corrente de pensamento que pertence ao seu tempo^{XXXII}. Dessa forma, é perceptível a dimensão de urgência e denúncia que atravessa seus escritos, como a autora veio a afirmar em sua conclusão que questiona “(...) quem duvida que os Estados Unidos são fortes? Mas não é só isso o que os Estados Unidos têm de ser”^{XXXIII}. Essa denúncia insere a autora em um perfil que fugia do alinhamento, muito semelhante ao que a própria e um conjunto de intelectuais elaborou na Guerra do Golfo. Tal qual naquele contexto, Susan Sontag retomou a tarefa de desmistificar a figura dos Estados Unidos que se colocava como a grande potência e polícia do mundo, decidindo por “(...) desenterrar o que estava esquecido, fazer ligações que eram negadas, mencionar caminhos alternativos de ação que poderiam ter evitado”^{XXXIV}.

Em outubro de 2001, Susan Sontag retomou o 11 de setembro de 2001 em entrevista concedida à jornalista Francesca Boerrelli, publicada no jornal italiano *Il Manifesto* em 06 de outubro do mesmo ano. Na breve entrevista, composta de quatro perguntas, a pensadora foi estimulada a elaborar uma síntese sobre os ataques e o contexto vivido pelos Estados Unidos. Ao elaborar suas respostas, Sontag esboçou as primeiras autocríticas ao ensaio publicado na *The New Yorker*, mas também defendeu alguns argumentos presentes, como sua visão da comparação entre o 11 de setembro e Pearl Harbor como algo capcioso. O primeiro questionamento pedia que Susan Sontag relatasse o impacto de sua volta à cidade de Nova York após os atentados, com ênfase nas sensações de retornar. Em sua resposta, a intelectual iniciou lembrando que não estava no país no momento dos ataques, mas sim na Alemanha, e que sua visão dos eventos foi mediada pelo bombardeamento da mídia internacional cobrindo o evento. Dessa forma, é importante entender que o texto da *The New Yorker*, analisado anteriormente, foi fruto desse contexto de cobertura midiática e que, possivelmente, seria esse o motivo da crítica de Sontag se voltar mais à atuação discursiva de governantes e da mídia.

Continuando sua resposta, Sontag afirmou que foi o modo como recebeu a notícia que a estimulou a escrever aquele breve ensaio, e que “(...) esse breve texto, primeiramente publicado em *The New Yorker*, energicamente criticado aqui nos Estados Unidos, era apenas, é claro, uma primeira impressão, mas infelizmente bastante exata”^{XXXV}. Defendendo seu escrito anterior, a autora detalhou como procurou se afastar das mídias ao ter que se confrontar com a morte de centenas de pessoas, procurando a reclusão e a solidão como mecanismo para construir uma nova reflexão, a qual destaca que não foi apenas preciso repensar as mortes, mas que precisava repensar como os Estados Unidos passavam por uma mudança.

Sontag, ao ser questionada em seguida, apresentou sua visão sobre as estratégias de George W. Bush ao lidar com os ataques terroristas, defendendo que ele não deveria monopolizar a atenção naquele contexto. Para ela, o 11 de setembro foi uma catástrofe suscetível de duas interpretações predominantes, às quais tece críticas. Por um lado, o 11 de setembro foi um evento inserido no panorama maior da geopolítica mundial que, assim como Pearl Harbor, empurraria o país a uma nova guerra. Já o segundo significado atribuído aos ataques foi que, no plano geral, os atentados fizeram parte “(...) de uma luta entre duas civilizações, uma produtiva, livre e tolerante e secular (ou cristão), e a outra retrógrada, fanática e vingativa”^{XXXVI}. Ambas as visões foram criticadas por Susan Sontag, pois convergiam a um resultado comum: a eclosão de maiores conflitos que trariam dor e sofrimento da população comum e civil pois, se ignorando a dimensão nacional e combativa dos atentados ao 11 de setembro, aqueles mais impactados pelos

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

ataques terroristas haviam sido integrantes da população “comum” que trabalhavam e formavam a base dos Estados Unidos.

A noção de catástrofe, na entrevista de Susan Sontag poucos dias após a escrita do texto para a *The New York*, reflete o amadurecimento de seu pensamento a partir do avanço do processo de significação pelo governo estadunidense. Mais que uma visão fechada ou amadurecida, seu posicionamento era voltado à crítica e acerca das consequências possíveis no futuro próximo. Tal processo ocorreu por meio da instrumentalização do passado, mas da elaboração de um posicionamento que colocava a História em papel de ensinar em meio a crises nas quais o presente era perpassado por uma crise de significados. Nesse sentido, seu entendimento sobre o passado era perpassado pelo que Hayden White^{xxxvii} afirmava ser o grande fardo da história no século XX e início do XXI: os desafios de instrumentalizar as narrativas de forma a dotá-las de sentidos práticos na sociedade contemporânea. Não à toa, Sontag, que tinha contato direto com o romance histórico e com o universo literário, defendia esse posicionamento, percebendo que seria o momento de se aproximar de fragmentos da própria história militar e política do país para pensar os rumos futuros.

A noção de catástrofe, nesse caso, estava relacionada a suas consequências e, mais do que a ruptura gerada pela irrupção de um evento inesperado, com noção de guerra. Nesse sentido, é possível perceber que a principal dimensão presente nas falas da autora sobre o 11 de setembro de 2001 logo após os ataques revelaria uma sensação de caos, de conflito iminente e, principalmente, de desorientação. Ao defender que as catástrofes seriam eventos móveis e em constante sobreposição, Henry Rousso afirma que toda catástrofe resulta no processo de reformulação das temporalidades que é processual e não imediato. Como destaca Rousso, “(...) o evento, na sua violência e por ser repentino, gera no cerne da sua deflagração, e depois em seus efeitos, o sentimento de uma nova ruptura com a continuidade histórica”^{xxxviii}. A ideia de catástrofe, nesse caso, pode ser pensada como a eclosão de uma ruptura que gera conturbações materiais, físicas e psicológicas em dimensões sociais e coletivas.

Em meio a tal instabilidade, a presença intelectual emerge como válvula de escape e como sujeito que se engaja na discussão, significação e atribuição de sentidos que permitem a sociedade de forma coletiva lidar com a crise instaurada pela catástrofe. Certamente, esse foi o papel que Susan Sontag ocupou, e para a qual foi levada em consideração pela mídia: a tarefa de tentar produzir sentidos e alertar a sociedade estadunidense sobre o que ocorreu, suas relações históricas e, principalmente, os possíveis caminhos futuros. Nesse caso, a filósofa apontava para a relação histórica que envolvia esse processo e não para sua ruptura, mesmo nos eventos posteriores, tendo em vista que insere os ataques no panorama imperialista e militarista do governo estadunidense. Essa função, que se assemelha em parte com o papel do historiador e em parte com o do pedagogo, reivindicava o papel central da história e das mídias contemporâneas que, em tempo real ao 11 de setembro, produziram sentidos e historicização seu processo e desdobramentos^{xxxix}. Todavia, Sontag alerta justamente para os riscos que esse processo acarretava e para a atuação intencional das mídias e do governo na formulação de um discurso a respeito da Guerra que legitimava o conflito e a intervenção no Oriente Médio.

A instabilidade gerada pela catástrofe, os ataques de 11 de setembro de 2001, segue ao longo do restante da entrevista para o jornal italiano. Sontag explicita, ao ser questionada sobre a afirmação de ser impossível comparar os ataques a Pearl Harbor, que, em sua perspectiva, essa é uma visão capciosa e que estava muito mais ligada à intenção de provocar a necessidade de resposta na população. Dessa forma, afirmava que era preciso olhar ao passado, mas ao passado estadunidense que usava dessa mesma estratégia para provocar mais conflitos. Em outras palavras, atentou para a necessidade de discutir os usos políticos do passado no discurso midiático e do governo, e menos na necessidade de comparações para compreender o evento.

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

Nesse momento, elabora uma reflexão bastante complexa sobre a diferença de supostos “lados”, e faz uma autocrítica acerca de seu posicionamento anterior ao explicar que apontar para a relação entre os atentados e as investidas armadas estadunidenses não era, como defendiam alguns intelectuais, afirmar que os Estados Unidos foram culpados pelos ataques.

Sontag, na ocasião, explicitou que “(...) desculpar ou tolerar em qualquer medida essa atrocidade, culpando os Estados Unidos - embora haja muito a censurar no comportamento americano no exterior -, é moralmente obscuro. O terrorismo é o assassinato de pessoas inocentes. Desta vez, foi matança em massa”^{XL}. Ao afirmar que, dentro desse entendimento, o 11 de setembro não foi um ato terrorista, mas sim o ataque à modernidade e ao capitalismo, Sontag defendia que, nesse caso, era a favor não de uma guerra generalizada na qual morreriam pessoas inocentes, mas de uma intervenção militarizada como forma de prevenção e de resposta. É interessante perceber que, ao formular essas ideias, a filósofa parcialmente se contradiz (pois passa a defender o conflito que antes rejeitava), mas apresenta melhor a sua defesa: vidas inocentes deveriam ser poupadas e que era preciso existir uma intenção humanitária, o que, por vezes, é destacado como a ascensão de um lado conservador da escritora. Nesse caso, sua crítica ao discurso estadunidense torna-se cada vez mais explícita, demonstrando que sua principal preocupação era com a dimensão retórica e discursiva, assim como com os usos que o país faria daqueles ataques.

Para tentar elaborar essa visão, que demonstra sua contradição, Sontag retoma a ideia já citada de moralidade como o limite do aceitável dentro da geopolítica. Se retomarmos o escrito da *The New Yorker*, é possível perceber como a ideia de uma “moral”, ligada à prática do que era esperado e o respeito ao “bem comum”, aparece nas críticas da autora de forma generalizada. Ao mesmo tempo, esse moralismo é retomado no trecho final da entrevista, na qual afirma que os Estados Unidos eram um país “estranho”, profundamente heterodoxo e contraditório, mas que encontravam em momentos assim seu ponto de união. As consequências de um possível novo ataque, nesse sentido, seriam inclusive inimagináveis.

Na ocasião em que os acontecimentos soavam mais “calorosos” ou “urgentes”, as opiniões de Susan Sontag demonstravam-se particularmente fluidas, abertas ao contraditório, e por vezes alteravam-se. Aproximadamente um ano após o 11 de Setembro, era possível perceber um amadurecimento de sua interpretação acerca dos ataques e seus possíveis desdobramentos. Em artigo intitulado *Real Battles and Empty Metaphors*, publicado na seção de opiniões do jornal *The New York Times* em 10 de setembro de 2002, ou seja, na edição que antecedeu a que abordaria o 1 ano dos ataques como forma de antecipação do debate, a autora retomou suas reflexões acerca desse evento. Em seu novo texto, Sontag provocava uma reflexão após não somente o acontecimento, mas o debate sobre os rumos que o governo estadunidense havia tomado desde então. Em especial, assemelhando-se a discussões anteriores, Sontag retoma sua noção de “metáfora” como mecanismo para perceber o que permeia o discurso político e social.

Em sua análise, defendia que a Guerra declarada ao Oriente pelos Estados Unidos, após os atentados, seria uma pseudoguerra, e não uma metáfora para justificar a intervenção do país em qualquer espaço ou lugar do mundo independente de seu contexto. Como destaca, essa “guerra” teria um perfil bastante diferente das demais pois não tinha fim à vista, mas que, diferentemente de casos como a Guerra a Pobreza ou a Guerra às Drogas, dependeria de uma grande mobilização social. Tal conflito seria um movimento contra um elemento social de difícil superação, nos quais a noção de “guerra” seria uma metáfora para reforçar o posicionamento político e governista, a guerra ao terrorismo seria uma guerra “verdadeira”. O problema, segundo Sontag, já começaria com a ideia de que tal conflagração não teria começado, mas se revelado aos olhos do público, e que jamais terminaria, sendo isso “(...) um sinal de que não é uma guerra, mas sim um pretexto para ampliar o uso do poder americano”^{XLb}. Em sua perspectiva, ao declarar

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

uma Guerra ao Terrorismo logo após o 11 de setembro, os EUA estavam se dando o direito de intervir onde quisessem pois, além do terrorismo ser uma rede multinacional de larga medida e clandestina, o terrorismo reivindicava um *ethos* do próprio discurso imperialista: civilização x barbárie.

Nesse caso, Sontag se demonstrava crítica ao governo estadunidense, e não necessariamente contra o próprio país, o que para muitos foi visto como um antiamericanismo associado à falta de uma defesa patriótica do governo naquele cenário^{XLII}. Considerava ainda que o posicionamento dos Estados Unidos deveria ser repensado e que a Guerra ao Terror seria uma justificativa para isentar o país de qualquer decisão tomada, pois contrariava todo e qualquer acordo ou tratado internacional, colocando os interesses de uma nação acima de qualquer outra e isentando-se de responsabilidades globais. Ela destacava, nesse caso, que, ao atentar para esse processo e uma série de outros, intelectuais foram justamente vistos enquanto antiamericanos, sendo “(...) acusados de perdoar os ataques, ou pelo menos de legitimar os ressentimentos por trás dos ataques^{XLIII}”. Como lembrou, ao se colocar nesse posicionamento, as críticas foram destinadas não ao governo, mas sim àqueles que tentavam mostrar o lado “perverso” do lema “Unidos resistiremos”, chamados de antipatrióticos.

A Guerra-Fantasma criada por Bush, na visão de Sontag, não poderia ser comparada a Pearl Harbor como muitos vinham fazendo e ela alertava desde seu primeiro texto na *The New Yorker*, como lembrou um ano depois para o *The New York Times*, pois a dimensão civil se fazia ainda mais presente; afinal, os ataques de 1941 foram destinados aos espaços militarizados em um contexto de guerra “real”. Essas comparações ainda perduravam no discurso e na memória dos Estados Unidos, em especial através das falas de George W. Bush, e se faziam presentes no contexto de rememoração de 1 ano dos atentados que, na visão da autora, estavam sendo convertidos em um aniversário que procurava reacender a moral e a união do país com a Guerra ao Terrorismo. Com a chegada da data em que se completaria um ano, Sontag lembrava que certamente o governo instrumentalizaria o passado recente e, ao invés de fornecer um prognóstico, ela relembrava o que significaria tal empreendimento.

Neste cenário, Sontag lembrava que aquele seria um momento especialmente visual e que as fotografias viriam a desempenhar um papel importante nos jogos de rememoração. Para ela, “(...) vamos reviver o acontecimento. Haverá entrevistas com os sobreviventes e com os membros das famílias dos que morreram nos ataques. É tempo de ‘closures’ nos jardins do Ocidente^{XLIV}. Os eventos, para além da honraria aos mortos, seriam pensados naquela ocasião visando reafirmar o posicionamento estadunidense e destacar a necessidade da Guerra. Nesse caso, a autora lembrava acerca do papel do discurso e da sua configuração nas relações de poder, ao destacar a ideia de “magia linguística”, ou seja, o discurso como “(...) um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...)”^{XLV}. Seria justamente a emergência da formação discursiva, que se baseava em experiências anteriores e na sua intenção de reforçar o exercício do poder, que Susan Sontag procurava alertar quando destacava o que seria o dia seguinte à publicação da edição do *The New York Times*.

Por fim, a reportagem apresentava a principal defesa de Susan Sontag sobre a Guerra ao Terror, uma forma de justificar seu posicionamento e esclarecer que não estava, como foi acusada, diminuindo a violência ou o trauma causado pelo 11 de Setembro. Para ela, não havia como colocar em dúvida a própria existência de um inimigo que se manifestava contra ideias democráticas, plurais, de igualdade e outros elementos. Assim como não colocava em dúvida o papel do governo em proteger a vida de seus cidadãos. Para ela, o que deveria ser discutido era a “(...) pseudodeclaração de uma pseudoguerra. Essas ações necessárias não deveriam ser

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

chamadas de 'Guerra'. Não existem guerras intermináveis. Mas existem declarações do poder de um Estado que acha que não pode ser contestado^{XLVI}. Nesse caso, para Sontag, os Estados Unidos, apesar de terem direito de perseguir aqueles que cometerem os crimes e seus cúmplices, não poderiam transformar a busca por uma suposta justiça em uma grande caçada, que serviria de cortina de fumaça para desejos intervencionistas e imperialistas ainda maiores.

Nessa conclusão, que encerra também o bloco de três principais textos publicados por Susan Sontag ao longo de sua vida sobre os ataques de 11 de setembro de 2001, é perceptível sua preocupação com as “ordens do tempo”. Anteriormente, na entrevista à imprensa italiana e na publicação da *The New Yorker*, a relação estabelecida com o passado e a crítica aos seus usos políticos pelos Estados Unidos já estavam presentes e constituíam uma preocupação recorrente com a própria temporalidade. Naquela ocasião, é possível pensarmos que se estruturava um pensamento sobre a relação passado-presente-futuro que centralizava a relação passado-presente como principal forma de antever e alertar sobre rumos possíveis no futuro. Apesar disso, é importante destacar que sua leitura não recorria a uma “lição possível” da história ao presente, pois alertava para o anacronismo da comparação com Pearl Harbor. Todavia, o anacronismo não ocorria pela busca de elementos de experiências passadas, mas sim pela impossibilidade de comparação dos dois processos.

O passado, para Susan Sontag, poderia ser pensado muito mais pela noção de experiência, sendo possível retomarmos a categoria de “espaço de experiência” para Koselleck^{XLVII}, tendo em vista que a autora defendia a noção de “acumulação” e “presentificação” de vivências coletivas e nacionais no passado para entender o que se desdobrava no presente dos atentados ao 11 de setembro. Em outras palavras, Susan Sontag compreendia a necessidade de entender o passado estadunidense e sua relação com o Oriente Médio como um processo de média-longa duração que, dessa forma, possibilitaria uma maior densidade aos eventos. Nessa leitura, o acontecimento apenas após sua eclosão demonstraria uma série de processos que ocorreram anteriormente, como camadas que só vêm à tona após o próprio evento^{XLVIII}. Essa operação seria extremamente traumática e, como lembra Susan Sontag nos três textos, seria desorientadora do presente e provocaria desconfiança.

Considerações finais

Podemos considerar que a urgência da autora em entender os processos fez parte da própria desestabilidade e que trabalhar os três textos em perspectiva conectada e organizada linearmente demonstra o amadurecimento e a maleabilidade de seu pensamento que, por vezes, se alterou, mas em muitos casos permaneceu contínuo, com apenas maiores explicações e aprofundamentos. Essa leitura, retoma a relação da autora com a psicanálise, sendo interessante pensarmos que, apesar de não focar diretamente, a dimensão do trauma mencionada ocupa papel central nos três textos e em seus alertas. Todavia, esse trauma, poderia ser percebido apenas na,

(...) na interseção do choque entre o indivíduo comum e um acontecimento fora do comum. Com essa abordagem, é, portanto, o acontecimento que cria a patologia, que é seu verdadeiro detonador. O sucesso conhecido por essa concepção do trauma traduz uma nova concepção do tempo, de relação com o passado, da dívida na qual a psicologia do indivíduo constitui o nó sensível e central do espaço coletivo^{XLIX}.

Nessa chave, como a autora destacou ao longo dos dois textos e da entrevista, o trauma desestabilizou o pensamento e permitiu a emergência de novas formações discursivas que vieram, nos meses posteriores, a justificar a Guerra ao Terror. Os escritos de Susan Sontag,

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

colocados em perspectiva conectada, demonstram o processo de formação de suas reflexões acerca do 11 de setembro em paralelo ao desdobramento dos eventos. Como intelectual preocupada com seu tempo, e defensora de uma atuação pública daqueles que se debruçaram sobre a crítica social, Susan Sontag desenvolveu suas reflexões em paralelo à emergência e significação dos ataques daquela terça-feira de 2001. Dessa forma, suas reflexões, pensamentos, críticas e opiniões foram desenvolvidas dentro do próprio contexto de ocorrência, o que lhe permitia um olhar específico acerca desses eventos, mas se colocando em uma posição sempre de miopia de suas interpretações.

Mesmo ao esboçar as afirmações mais precisas de seus escritos, como a incompatibilidade das comparações entre Pearl Harbor e a queda das Torres Gêmeas, ou as intenções do governo ao elaborar determinados discursos sobre os ataques, Susan Sontag demonstrava a cada nova publicação que suas considerações acerca daquele acontecimento estavam abertas ao contraditório e eram fruto de um amadurecimento possível pela experiência e pela passagem do tempo. Todavia, é importante destacar que, apesar de reconhecer essa dimensão, seus escritos demonstram também a urgência de iniciar a reflexão logo após o 11 de setembro como forma de produzir sentidos, de combater determinadas narrativas e de alertar a sociedade americana sobre um processo em curso. Sua ânsia por se posicionar, dessa forma, visava também a um tipo de atendimento à demanda pública por historicização do presente.

Suas narrativas estão perpassadas pela experiência individual e pelo esforço em significar a experiência coletiva do 11 de setembro, processo no qual a “narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”^L. Os dois escritos e a entrevista trabalhados neste artigo procuram perceber um esforço em tentar compreender os impactos, inclusive temporais, dos ataques que ocorreram nos Estados Unidos, mesmo que, como aponta Henry Rousso, essa interpretação esteja perpassada pela influência de estar mergulhado no próprio contexto vivido. Percebe-se, que mesmo próxima do evento e de seus desdobramentos, o que por vezes é criticado nos esforços de intelectuais em compreender o tempo vivido, Susan Sontag assumiu um papel fundamental (assim como outros/as pensadores/as do período) em estimular a significação acerca dos impactos de tal acontecimento no presente e futuro dos Estados Unidos e restante do mundo. Esse esforço a levou a precisar explicitar, a cada nova fala ou escritos, melhor suas ideias, o que permitia também que revisitasse suas visões.

Como uma polímata (BURKE, 2020), Sontag demonstra em suas considerações sobre o 11 de setembro justamente um perfil múltiplo, que observa por diferentes lentes o mesmo evento, mas consegue nessa pluralidade localizar pontos e caminhos em comum; nesse caso, destacando-se dois: a dificuldade social de lidar com as temporalidades e os perigos do discurso do governo estadunidense. Em linhas gerais, é a preocupação, a ansiedade por significar e, especialmente, por alertar que se destaca nas produções aqui analisadas. Tentando alertar sobre o que ocorria, Susan Sontag narrou o 11 de setembro através de suas visões, da observação do meio social em que esteve inserida e da crença de que, apesar de tudo que já havia escrito e vivido, ainda restava esperança mesmo que tudo isso existisse ao mesmo tempo.

Notas

^I Doutorando em História do Tempo Presente na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Email: igorlemoreira@gmail.com

^{II} MULLER, Christine. **September 11, 2001 as a Cultural Trauma: A Case Study through Popular Culture**. Londres: Palgrave macmillan, 2017.

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

-
- ^{III} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.
- ^{IV} HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, práticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p. 150-151.
- ^V HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, práticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p. 150.
- ^{VI} HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, práticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- ^{VII} SAYURI, Juliana. Pós-11 de setembro: críticas ao imperialismo nas páginas de Le Monde Diplomatique. **Escrita da História**, v. 3, p. 124-144, 2016.
- ^{VIII} DORELLA, Priscila. Ribeiro. Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas. **História, Histórias**, v. 8, p. 28, 2020.
- ^{IX} DORELLA, Priscila. Ribeiro. Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas. **História, Histórias**, v. 8, p. 28, 2020. p. 36.
- ^X COSTA, Adriane Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. In: _____.; MAÍZ, Claudio. **Nas tramas da 'cidade letrada'**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- ^{XI} SAID, Edward. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. SP: Cia das Letras, 2003.
- ^{XII} SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 248.
- ^{XIII} GOMES, Angela de castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: _____. (Orgs.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- ^{XIV} BURKE, Peter. **The Polymath: A Cultural History from Leonardo Da Vinci to Susan Sontag**. New Haven: Yale University Press, 2020.
- ^{XV} MOSER, Benjamin. Sontag: **Her Life and Work**. Nova York: Ecco Press, 2019.
- ^{XVI} DORELLA, Priscila. Ribeiro. Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas. **História, Histórias**, v. 8, p. 28, 2020.
- ^{XVII} SONTAG, Susan. **In America**. Londres: Picador USA, 2001.
- ^{XVIII} SONTAG, Susan. **Against Interpretation and Other Essays**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1966.
- ^{XIX} DORELLA, Priscila. Ribeiro. Octavio Paz & Susan Sontag: fraternidade sobre o vazio. **Poder & Cultura**, v. 5, p. 374-397, 2019. p. 376.
- ^{XX} DORELLA, Priscila. Ribeiro. Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas. **História, Histórias**, v. 8, p. 28, 2020. p. 35.
- ^{XXI} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 120.
- ^{XXII} LEPORE, Jill. **This America: The Case for the Nation**. New York: W. W. Norton & Company, 2019.
- ^{XXIII} MULLER, Christine. **September 11, 2001 as a Cultural Trauma: A Case Study through Popular Culture**. Londres: Palgrave macmillan, 2017.
- ^{XXIV} PÉREZ Jr., Louis A. **Cuba in the American Imagination: Metaphor and the Imperial Ethos**. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2008.
- ^{XXV} DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ^{XXVI} HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, práticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p.
- ^{XXVII} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.
- ^{XXVIII} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 118.
- ^{XXIX} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 119.
- ^{XXX} LEPORE, Jill. **This America: The Case for the Nation**. New York: W. W. Norton & Company, 2019.
- ^{XXXI} HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ^{XXXII} SAID, Edward. **Representações do intelectual**. SP: Cia das Letras, 2003.
- ^{XXXIII} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 120.
- ^{XXXIV} SAID, Edward. **Representações do intelectual**. SP: Cia das Letras, 2003. p. 35.
- ^{XXXV} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 121-122.
- ^{XXXVI} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 123.
- ^{XXXVII} WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. São Paulo: Edusp, 1990.
- ^{XXXVIII} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016. p. 99.
- ^{XXXIX} DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ^{XL} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 126.

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

-
- ^{XL} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 132.
- ^{XLII} DORELLA, Priscila. Ribeiro. Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas. **História, Histórias**, v. 8, p. 28, 2020.
- ^{XLIII} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 133.
- ^{XLIV} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 135.
- ^{XLV} FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986. p. 135-136.
- ^{XLVI} SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 135.
- ^{XLVII} KOSELLECK, Reinhart. **Futuro-Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- ^{XLVIII} DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ^{XLIX} DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 121.
- ^L SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 25.

Referências bibliográficas

- BURKE, Peter. **The Polymath: A Cultural History from Leonardo Da Vinci to Susan Sontag**. New Haven: Yale University Press, 2020.
- COSTA, Adriane Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. In: _____.; MAÍZ, Claudio. **Nas tramas da ‘cidade letrada’**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- DORELLA, Priscila. Ribeiro. Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas. **História, Histórias**, v. 8, p. 28, 2020.
- _____. Ribeiro. Octavio Paz & Susan Sontag: fraternidade sobre o vazio. **Poder & Cultura**, v. 5, p. 374-397, 2019. p. 376.
- DOSSE, François. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- GOMES, Angela de castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: _____. (Orgs.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, práticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro-Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LEPORE, Jill. **This America: The Case for the Nation**. New York: W. W. Norton & Company, 2019.
- MOSER, Benjamin. **Sontag: Her Life and Work**. Nova York: Ecco Press, 2019.

SUSAN SONTAG E O 11 DE SETEMBRO: ENTRE POSICIONAMENTOS E IMPRESSÕES DE TEMPO NOS ESTADOS UNIDOS

IGOR LEMOS MOREIRA

-
- MULLER, Christine. **September 11, 2001 as a Cultural Trauma: A Case Study through Popular Culture**. Londres: Palgrave macmillan, 2017.
- PÉREZ Jr., Louis A. **Cuba in the American Imagination: Metaphor and the Imperial Ethos**. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2008.
- ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.
- SAID, Edward. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAYURI, Juliana. Pós-11 de setembro: críticas ao imperialismo nas páginas de Le Monde Diplomatique. **Escrita da História**, v. 3, p. 124-144, 2016.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Against Interpretation and Other Essays**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1966.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. São Paulo: Edusp, 1990.